


AGRICULTURA FAMILIAR E CAMPONESA EM FEIRA DE SANTANA – BA: DOS DESAFIOS DA URBANIZAÇÃO ÀS POTENCIALIDADES DO ASSOCIATIVISMO

 <https://doi.org/10.56238/arev7n4-100>

Data de submissão: 09/03/2025

Data de publicação: 09/04/2025

Adriana Peixoto Campos da Silva

Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Rede de Ciências Ambientais (PROFICIAMB) na associada Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Bahia, Brasil
E-mail: profciambadriana@gmail.com

José Raimundo Oliveira Lima

Professor Pleno da Universidade Estadual de Feira de Santana, integrante do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PROFICIAMB) – BA, Brasil - Pesquisador PQ
E-mail: zeraimundo@uefs.br

RESUMO

Este trabalho discute a situação da agricultura familiar e camponesa no município de Feira de Santana, e faz uma reflexão sobre o potencial do associativismo como estratégia de fortalecimento dessas formas de viver e produzir. A pesquisa parte da questão central: Quais são os impactos da urbanização sobre a agricultura familiar e camponesa em Feira de Santana, e como o associativismo pode contribuir para enfrentar esses desafios e fortalecer a agricultura familiar e camponesa? Metodologicamente, realizou-se uma revisão de literatura e análise de dados do IBGE, SEAGRI/PMFS e MapBiomass. Os resultados revelam o complexo cenário da agricultura em Feira de Santana, marcado pelo declínio da população rural, pela diminuição das áreas cultiváveis e pela consequente redução da produção agrícola, processos diretamente relacionados à urbanização. Nesse contexto, o associativismo é destacado como uma potencialidade para a mobilização e luta coletiva dos agricultores e camponeses, sendo fundamental para enfrentar desafios impostos pela expansão urbana. Contudo, a pesquisa aponta para a necessidade de estudos mais aprofundados sobre as associações comunitárias rurais do município. Conclui-se que a urbanização em Feira de Santana tem gerado desigualdades sociais entre campo e cidade, demandando políticas públicas integradoras que valorizem a agricultura familiar e camponesa, protejam os territórios rurais e incentivem o desenvolvimento local das comunidades.

Palavras-chave: Expansão urbana. Relação campo-cidade. Comunidades rurais.

1 INTRODUÇÃO

A moderna agricultura, resultante da Revolução Verde implementada a partir de 1960, estabeleceu um novo modelo de produção caracterizado pelo uso intensivo da mecanização, dos insumos químicos e de variedades de plantas voltadas para a alta produtividade e interesses comerciais (Santilli, 2009). Esse modelo promoveu a constituição do "empreendedor agrícola", invisibilizando a existência e a importância dos camponeses, ao tratar seu modo de produzir e viver como ultrapassado e incapaz de atender às demandas do mercado capitalista (Martins e Souza, 2016).

No Brasil, visando garantir acesso às políticas públicas de desenvolvimento rural, foi criada a categoria legal de "agricultura familiar". A Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006, define o agricultor familiar e empreendedor familiar rural como aquele que exerce atividades no meio rural em áreas inferiores a quatro módulos fiscais, utiliza predominantemente a força de trabalho da família, tem percentual mínimo da renda familiar originada de atividades econômicas do seu estabelecimento ou empreendimento, e realiza a gestão do mesmo com sua família (Brasil, 2006).

Nesse contexto, torna-se relevante caracterizar a agricultura familiar e camponesa diante das inúmeras tentativas, ancoradas na racionalidade econômica capitalista, de enfraquecer essas formas de viver e produzir, e que vão além dos aspectos econômicos, englobando dimensões sociais, ambientais e culturais. Tal relevância é ainda mais significativa em Feira de Santana, onde a urbanização avança sobre as áreas rurais, provocando mudanças profundas na relação entre o campo e a cidade.

Diante disso, este trabalho tem como objetivo discutir a situação da agricultura familiar e camponesa no município de Feira de Santana, e fazer uma reflexão sobre o potencial do associativismo como estratégia de fortalecimento dessas formas de viver e produzir. A questão central que orienta este estudo é: Quais são os impactos da urbanização sobre a agricultura familiar e camponesa em Feira de Santana, e como o associativismo pode contribuir para enfrentar esses desafios e fortalecer a agricultura familiar e camponesa?

Este estudo foi motivado pelas discussões realizadas no âmbito do componente curricular Economia Popular e Solidária e Desenvolvimento Local, do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial da Universidade Estadual de Feira de Santana - PLAN TERR/UEFS. Além disso, a experiência da autora como estagiária na Secretaria de Agricultura, Recursos Hídricos e Desenvolvimento Rural da Prefeitura de Feira de Santana (SEAGRI/PMFS), proporcionou um contato aprofundado com aspectos críticos da agricultura local, servindo de base para articular a teoria com a prática.

Metodologicamente, o trabalho se apoia em uma revisão de literatura, com busca de informações sobre a agricultura em Feira de Santana em artigos, teses e dissertações disponibilizados em plataformas como Elsevier, Science Direct, Scopus e Google Scholar. Também foram consultados dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), da Secretaria de Agricultura, Recursos Hídricos e Desenvolvimento Rural da Prefeitura de Feira de Santana (SEAGRI/PMFS), e dados de uso e cobertura da terra da coleção 9.0 do portal MapBiomias (2024).

Do ponto de vista estrutural, este artigo compõe, além da introdução e das considerações finais, das seguintes seções: i) Panorama da agricultura familiar e camponesa em Feira de Santana; ii) Urbanização do campo em Feira de Santana e seus impactos na agricultura familiar e camponesa; iii) Associativismo como elemento de fortalecimento da agricultura familiar e camponesa em Feira de Santana.

2 PANORAMA DA AGRICULTURA FAMILIAR E CAMPONESA EM FEIRA DE SANTANA

Feira de Santana está localizada na mesorregião centro-norte baiano, microrregião de Feira de Santana e território de identidade Portal do Sertão, a uma distância de 109 Km da capital do Estado, e ocupando uma área territorial de 1.338 km² (SEI 2019; 2020; 2023).

Historicamente a localização geográfica de Feira de Santana é um marco para o desenvolvimento econômico do município. Remontando ao período colonial, estradas foram abertas ligando o litoral ao sertão, e nas terras às margens do Rio Paraguaçu, do Rio Jacuípe, dos riachos e lagoas foram instaladas fazendas para criação de gado, e construção de currais (Freire, 2012). A fazenda que deu origem ao município, chamada Sant'Anna dos Olhos D'água, servia como ponto de parada para tropeiros e outros viajantes que se deslocavam do sertão e da região de Minas Gerais, Piauí e Goiás em direção ao porto de Cachoeira (Santo, 2012; Carvalho, 2017).

Nos registros da história local, Domingos Barbosa de Araújo e Ana Brandoa, proprietários da fazenda Sant'Anna dos Olhos D'água, ergueram uma capela em honra a Nossa Senhora Sant'Ana e São Domingos. Em torno dessa capela foi surgindo um arraial que ficou oficialmente estabelecido como vila em 1832 (Carvalho, 2017). Nesse povoado, casas comerciais e uma feira de gado foram se estabelecendo, contribuindo também para o desenvolvimento de uma feira livre (Santo, 2012). O núcleo urbano cresceu e foi elevado à categoria de município em 1883, recebendo o nome de Cidade Comercial de Feira de Santana (Souza, 2017).

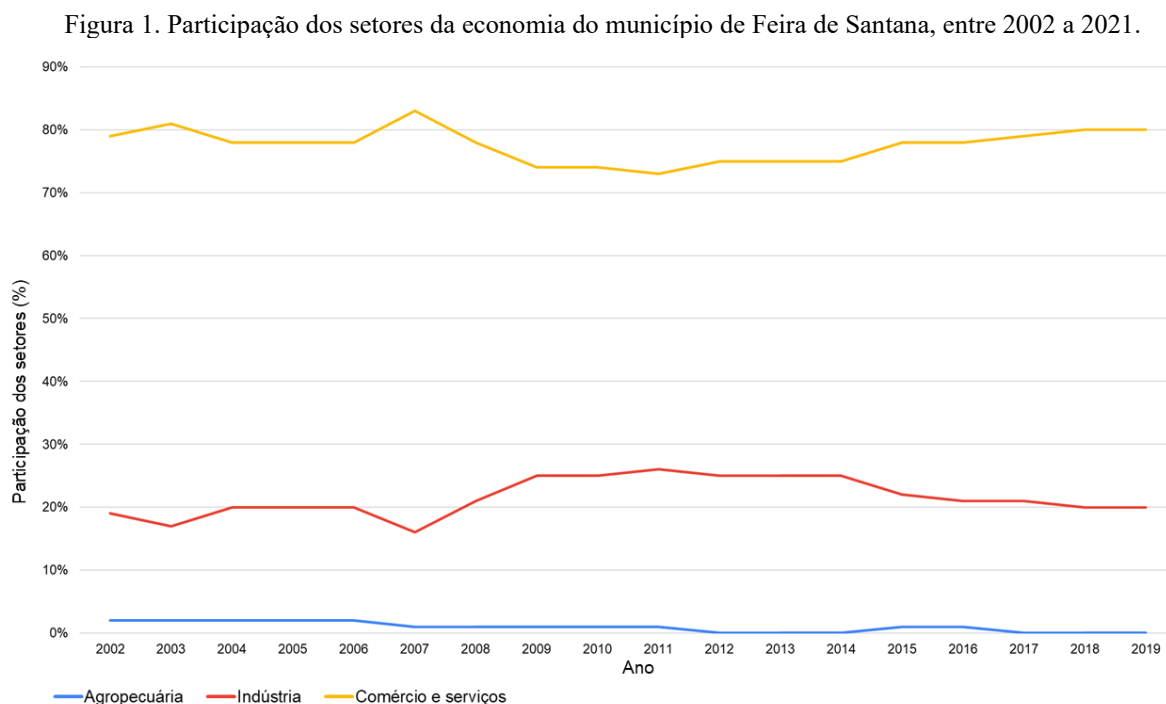
De acordo com Freire (2012), nos inventários dos moradores das terras que hoje é Feira de Santana, entre os anos de 1850 a 1888, consta que além da pecuária bovina, as fazendas possuíam lavouras de tabaco, mandioca, algodão, cana-de-açúcar, feijão e milho; e na feira livre eram

comercializados farinha de mandioca, rolos de fumo, algodão beneficiado, caixas de açúcar, milho, feijão e couro bovino. Entre as posses dos fazendeiros também estavam descritos os escravos, que eram a força de trabalho nas lavouras.

No contexto atual, Feira de Santana continua exercendo uma posição de centralidade, constituindo-se um importante entroncamento rodoviário, sendo cortada por cinco rodovias estaduais (BAs 052, 084, 502, 503 e 504) e três rodovias federais (BRs 101, 116 e 324). De acordo com a hierarquia dos centros urbanos brasileiros estabelecida pelo Instituto de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), o município é classificado como capital regional B, e estabelece uma região de influência com outras 40 cidades do interior da Bahia e conexões importantes com capitais brasileiras como São Paulo, Recife, Brasília e Salvador.

Para Freitas (2009), o comércio é tradicionalmente a principal atividade econômica de Feira de Santana. Souza (2021), por sua vez, analisou o panorama socioeconômico de 15 capitais regionais do interior do Nordeste e evidenciou que Feira de Santana apresentou entre 2010 a 2018 o maior Produto Interno Bruto (PIB), atribuindo essa posição de destaque ao desenvolvimento comercial, que por sua vez tem impulsionado a expansão urbana e o crescimento populacional.

A Figura 1 mostra a participação de diferentes setores na atividade econômica de Feira de Santana, entre os anos de 2002 a 2021. Os dados evidenciam a predominância do setor do comércio e serviços na economia de Feira de Santana ao longo das últimas duas décadas, com participação variando entre 74% a 83%. A participação da agropecuária, por sua vez, é extremamente baixa, não ultrapassando 2%.



Fonte: Elaborado pela autora com dados do SEI, 2023.

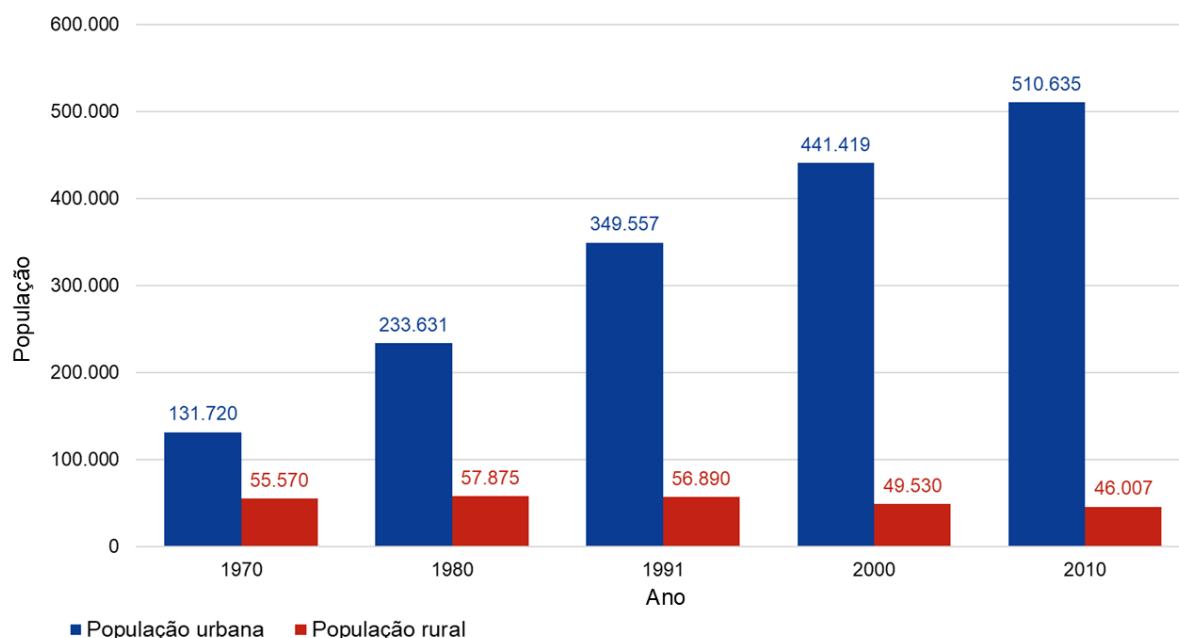
A análise da importância das atividades econômicas baseada exclusivamente no aspecto mercantil e no Produto Interno Bruto (PIB), reflete a hegemonia do capitalismo. Este modelo econômico privilegia a produção de bens e serviços, assim como a própria força de trabalho, destinados às trocas, ou seja, ao ganho de capital. Porém, na lógica do capitalismo a acumulação de riqueza está historicamente fundamentada na exploração dos recursos naturais, na dizimação dos povos e destruição cultural, perpetuando desigualdades sociais (Marx, 2013; Grosfoguel, 2016).

Fora da lógica do capitalismo, a agricultura familiar e camponesa expressa a sua importância pela multifuncionalidade. Carneiro e Maluf (2003) destacam as dimensões da agricultura familiar, como a reprodução socioeconômica das famílias, exercendo força de trabalho, evitando o êxodo rural e garantindo a sucessão familiar. Além disso, garante a segurança alimentar tanto das suas famílias como da sociedade, por meio da produção de alimentos diversificados e nutritivos. E também contribui para a preservação da biodiversidade e dos recursos naturais. Mais do que isso, a agricultura familiar e camponesa assume uma função educativa e cultural, transmitindo saberes e práticas para as gerações futuras, fortalecendo a identidade e as relações com o território (Machado, 2020).

A Figura 2 apresenta a evolução da população rural de Feira de Santana no período de 1970 a 2010, evidenciando uma tendência de declínio contínuo ao longo das décadas. Os dados indicam uma redução significativa no percentual de habitantes vivendo em áreas rurais, passando de 29,67% da

população total (equivalente a 55.570 pessoas) em 1970, para apenas 8,26% da população (equivalente a 46.007 pessoas) em 2010¹.

Figura 2. Evolução da população rural de Feira de Santana, entre 1970 a 2010.



Fonte: Elaborado pela autora com dados do IBGE (2024).

A diminuição da população rural de Feira de Santana reflete os efeitos do processo de urbanização e da migração para a sede do município, impulsionados pela expansão industrial e comercial, que atraem moradores das áreas rurais para o núcleo urbano, conforme destacado pelo Plano de Desenvolvimento Econômico Sustentável de Feira de Santana (PDES) (EY, 2018). O avanço da concentração populacional em áreas urbanizadas no município também é uma realidade no espaço rural, como ocorre nos distritos de Bonfim de Feira e Humildes que possuem sua população predominantemente concentrada na sede do distrito (PMFS, 2018).

Segundo Bulhões (2022), apesar de Feira de Santana possuir uma das maiores populações rurais absolutas do estado da Bahia, a precariedade no acesso à terra, a baixa eficiência de políticas públicas voltadas para o setor e o esvaziamento das comunidades rurais têm enfraquecido a agricultura familiar e contribuído para a desterritorialização das atividades produtivas rurais. Essa dinâmica é agravada pela redução do número de escolas na zona rural, o que evidencia a perda de estrutura social e econômica nessas áreas (EY, 2018).

¹ Os dados demográficos coletados no Censo 2022 ainda não foram disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para consulta pública, impossibilitando a análise atualizada da população rural de Feira de Santana. Assim, as informações utilizadas neste estudo referem-se aos censos anteriores, que contemplam até o ano de 2010.

Para Haesbaert (2005), a desterritorialização, quando dominada pela lógica territorial exclusivista do padrão estatal, está fortemente vinculada às desigualdades sociais, afetando especialmente os grupos sociais mais vulneráveis, não apenas pelas mudanças socioespaciais ocorridas, mas também pelas transformações nas experiências humanas em relação ao espaço de vida, gerando aglomerados de exclusão.

A população rural de Feira de Santana está distribuída espacialmente em oito distritos, os quais se configuram como importantes unidades territoriais para o município. Cada distrito possui uma sede, que funciona como um centro administrativo e comercial local; seus povoados e comunidades; e as moradias dispersas. O Quadro 1 apresenta os distritos de Feira de Santana e suas respectivas sedes e povoados.

Quadro 1. Distritos e povoados da zona rural de Feira de Santana.

Distrito	Sede	Povoados
Humildes	Humildes	Tanquinho, José Falcão, Fulô, Campestre, Vitória, Pau Seco, Terra Dura, Doutor, Bom Viver, Escoval, Rosário, Vila Fluminense, Caboronga, Barroquinha, Borda Mata, Onça, Caetano, Caruara, Pindobal, Ferrobilha
Tiquarucu	São Vicente	Jenipapo, Boa Vista, Capim Grosso, Mucambo, Alto dos Santos, Lagoa de Pedra, Carro Quebrado, Ladeira, São Cristóvão, Calandro, Vila Feliz, Socorro, Caatinga, Piabas, Vila Santa Inês, Bandeira, Bandarra, Fazenda Riachão, Jaqueira, Malhada Grande, Babilônia, Saco de Pedra, Selão
Maria Quitéria	São José	Água Grande, Lagoa Grande, Casa Nova, Fazenda Caldeirão, Boqueirão, Pé de Serra, Lagoa de Pedra, Fazenda Morro, Formiga, Olhos D'Água da Formiga, Ovo da Ema, Santa Rita, Jenipapo, Saco do Capitão, Garapa, Varinhas, Lagoa do Crespo, Carro Quebrado, Lagoa da Nega
Matinha	Matinha	Alto do Canuto, Alecrim Miúdo, Jenipapo, Santa Quitéria, Olhos D'Água das Moças, Moita da Onça, Candeia Grossa, Vila Menilha, Jacu, Sítio do Padre, Alto do Tanque, Tanquinho D'Água, Baixão, Ponto, Salgada, Sucupira
João Durval Carneiro	Ipuaçu	Km 07, Vila Fluminense, Santa Rosa, São José, Caroá, Umbuzeiro, Galhardo, Amarela, Pedra da Canoa, Santa Luzia, Formosa, Capim, Baeta, Vera Cruz, Brava, Mergulho, Gameleirinha
Bonfim de Feira	Bonfim de Feira	Santa Bárbara I, Santa Bárbara II, Jenipapo, Sucupira, Ouricuri, Impueira, Camisãozinho, Sítio do Mato, Terra Nova, Caboronga, Gameleira, São Bento, Mucambo, Fazenda Ponto, Malhador, Candeal, Bom Jardim, Santa Maria
Jaguara	Jaguara	Morrinhos, Malhador, Barra, Mendonça, Sete Portas, Lagoa D'Água, Rio do Peixe, Varginha, Sítio do Meio, Conceição, Juazeiro, Barbosa, Honorato, Olaria, Falhardo, Lizíbia, Bebedouro, Larginha

Jaíba	Jaíba	São Roque, São Francisco, São Domingos, Corredor dos Araçás, Calundú, Lagoa das Pedras, Tapera I, Tapera II, Brandão, Mantiba, Candeal I, Candeal II, Alto do Rosário, Retiro, Canteiro
--------------	-------	---

Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da SEAGRI/PMFS, 2024.

O levantamento realizado pela Secretaria de Agricultura, Recursos Hídricos e Desenvolvimento Rural (SEAGRI/PMFS), em 2019, revelou que o distrito de Humildes apresenta o maior contingente populacional, somando 16.408 pessoas, o equivalente a 30,42% da população rural do município, enquanto Jaguará, possui aproximadamente apenas 6,1% do total da população rural de Feira de Santana (Quadro 2).

Quadro 2. Distribuição da população rural de Feira de Santana por distrito - 2019.

Distrito	População
Humildes	16.408
Tiquarucu	6.020
Maria Quitéria	7.940
Matinha	5.280
João Durval Carneiro/ Ipuacu	4.560
Bonfim de Feira	4.220
Jaguará	3.308
Jaíba	6.160
Total	53.896

Fonte: Elaborado pela autora com dados da SEAGRI/PMFS, 2019.

Santos (2007) atribui a concentração populacional na sede do distrito de Humildes a fatores como a instalação do Centro Industrial do Subaé (CIS), a proximidade com a sede do município e a presença estratégica das BRs 101 e 324, que favorecem a ligação entre o campo e a cidade. Esses fatores também impulsionaram o desenvolvimento comercial, reforçando a importância das atividades não agrícolas como fonte de renda local.

Quanto a produção agrícola no município, entre os anos de 2005 e 2020, as culturas de milho, feijão e mandioca, cultivadas pela agricultura familiar e camponesa do município, apresentaram uma redução de 71,1% (de 18.000 ha para 5.200 ha), 73,5% (de 18.120 ha para 4.800 ha) e 93,8% (de 8.000 ha para 500 ha) no potencial de uso de área cultivada, respectivamente. Para o ano agrícola de 2020/2021 a produtividade média municipal do milho, feijão e mandioca foi respectivamente de 361 kg.ha⁻¹, 94 kg.ha⁻¹ e 1.938 kg.ha⁻¹, correspondendo a valores inferiores ao potencial produtivo do município (SEAGRI/PMFS, 2021). Observou-se ainda no ano agrícola 2020/2021 significativas taxas de perdas, pela falta de chuva nas lavouras de milho, feijão e mandioca do município, especialmente nos distritos de Tiquarucu e Matinha.

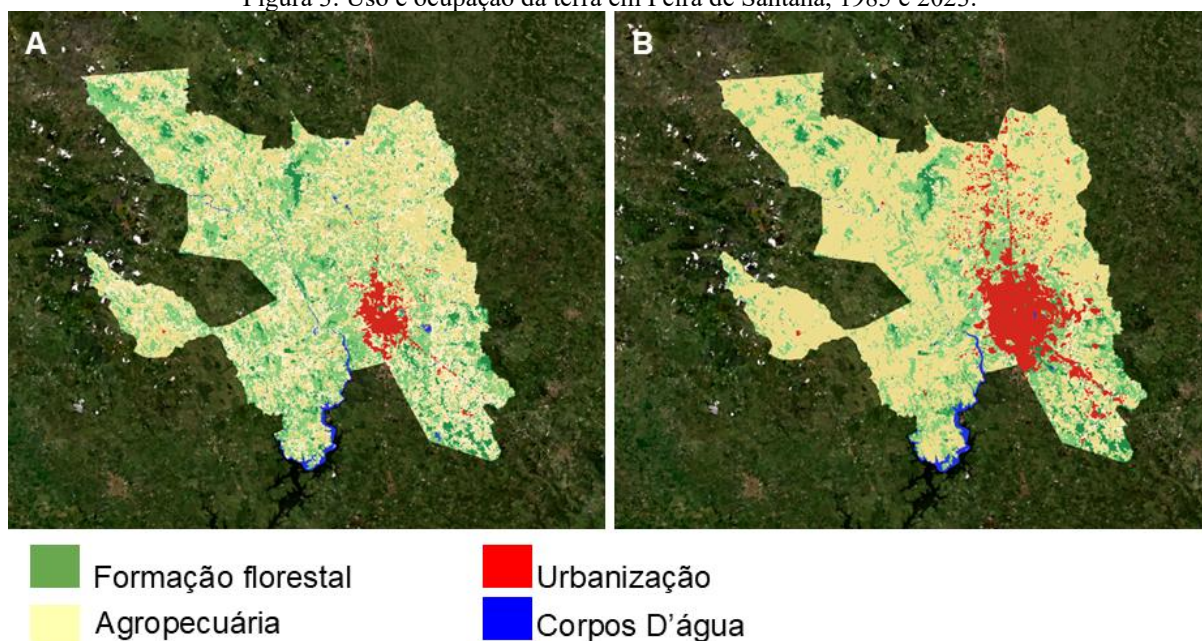
O declínio da produção agrícola familiar no município de Feira de Santana pode ser atribuído a diversos fatores como a redução progressiva do tamanho das unidades familiares, a diminuição da fertilidade natural do solo, a ocorrência de eventos climáticos extremos como estiagens e secas. Além disso, políticas públicas como o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar (PRONAF), o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA), o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), além do serviço público de Assistência Técnica e Extensão Rural (ATER) e o Garantia Safra, têm sofrido esvaziamento, afetando diretamente a capacidade produtiva da agricultura familiar do município de Feira de Santana (SEAGRI/PMFS, 2021).

De acordo com os dados de uso e ocupação da terra em Feira de Santana (MapBiomias, 2024), em 2023 a agropecuária ocupou 83.941 hectares, representando 64,35% da área total do município. Deste total, 74.998 hectares foram destinados a pastagens, e apenas 3 hectares à agricultura de lavouras temporárias, 12 hectares à silvicultura e 8.927 hectares a mosaicos de uso² (Figura 3B). Comparativamente, em 1985 a agropecuária ocupava uma área menor, de 77.217 hectares, distribuída entre 41.112 hectares de pastagens, 36.096 hectares de mosaicos de uso e 8 hectares destinados à agricultura de lavouras temporárias.

Em relação à urbanização, houve um crescimento expressivo: em 1985, as áreas urbanizadas ocuparam 3.569 hectares, enquanto em 2023 essa área aumentou para 12.448 hectares, o equivalente a 9,53% do território de Feira de Santana (Figura 3A). Outras categorias de uso e ocupação da terra incluem corpos d'água (1.305 hectares ou 1%), formações florestais (32.463 hectares ou 24,89%) e áreas não vegetadas (133 hectares ou 0,11%).

² O mosaico de uso corresponde às áreas de uso agropecuário onde não foi possível distinguir entre pastagem e agricultura.

Figura 3. Uso e ocupação da terra em Feira de Santana, 1985 e 2023.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de MapBiomias (2024).

A partir da Figura 3, podemos observar uma expressiva expansão urbana que transforma significativamente a dinâmica territorial de Feira de Santana. Essa expansão não se limita à ocupação de uma área espacial maior, mas influencia diretamente as relações campo-cidade, redefinindo os modos de vida e as práticas produtivas da agricultura familiar e camponesa como será discutido no eixo a seguir.

3 URBANIZAÇÃO DO CAMPO EM FEIRA DE SANTANA E SEUS IMPACTOS NA AGRICULTURA FAMILIAR E CAMPONESA

A organização espacial de Feira de Santana foi historicamente moldada pelas dinâmicas econômicas capitalistas, evidenciando o papel central do comércio e da indústria na conformação do município. Inicialmente, a pecuária e o comércio de gado impulsionaram o surgimento do primeiro aglomerado urbano (Freitas, 2009). Na década de 1970, a criação do Centro Industrial Subaé (CIS), do Centro de Abastecimento e dos primeiros conjuntos habitacionais marcaram um projeto desenvolvimentista voltado para a expansão econômica e urbana do município (Santos, Silva e Alves, 2013). Mais recentemente, em 2014, o Centro de Abastecimento sofreu significativas intervenções com a construção do Shopping Popular Cidade das Compras, considerada a maior transformação desse espaço e vista também como um ataque às tradições culturais e às classes populares (Dias, 2021).

Segundo Neves e Lima (2024) Feira de Santana está passando por um novo processo de urbanização eminentemente neoliberal, que acentua as desigualdades entre classes sociais, a

segregação socioespacial e o controle do mercado imobiliário na configuração urbana. Os condomínios fechados emergem como o símbolo mais evidente dessa transformação, funcionando como barreiras físicas e simbólicas que delimitam o acesso a espaços urbanos privilegiados.

Entre 1984 e 2018, foram contabilizados 184 condomínios fechados em Feira de Santana sendo que os primeiros foram destinados às classes média e alta, concentravam-se nas proximidades do centro urbano e possuíam poucas unidades, pois a característica principal era a exclusividade socioespacial (Figueredo, 2019). Contudo, a partir de 2009, o programa governamental Minha Casa Minha Vida impulsionou uma explosão de lançamentos de condomínios, tanto horizontais quanto verticais (Oliveira e Santos, 2022). Um exemplo emblemático é o complexo urbanístico Vila Olímpia, no bairro Pedra do Descanso, onde diversos condomínios foram construídos em uma área anteriormente desvalorizada e de terras mais baratas (Araújo, 2019). Esse movimento resultou na ampliação da malha urbana para além dos limites centrais e consolidou uma nova lógica de ocupação do solo.

De acordo com Silva et al. (2021) em povoados como São Domingos e São Roque, ambos localizados no distrito de Jaíba, a crescente presença de condomínios e loteamentos configura uma nova realidade que impacta nas atividades agrícolas, na dinâmica de trabalho e na oferta de serviços públicos. Nesse contexto, destacam-se aspectos como a diluição da dicotomia entre cidade e campo, a invisibilidade dos sujeitos do campo e a expropriação progressiva da população camponesa. Em alguns casos, isso resulta em conflitos por terra e na cobrança de impostos sobre imóveis ou terras, agravando a situação.

Sobre o distrito de Humildes, Alves e Freitas (2023) apontam que a dualidade entre o urbano e o rural tem configurado um "novo rural-urbano", marcado pela convivência de práticas urbanas e rurais em um território transformado pela expansão imobiliária e industrial. Segundo as autoras, a abertura de loteamentos converteu a terra em mercadoria, impulsionada pelo poder público local e pelo capital imobiliário, favorecendo a expansão da mancha urbana sobre áreas anteriormente rurais. Oliveira (2008) complementa essa análise ao observar que, embora a instalação de indústrias tenha alterado a paisagem local, ela não foi capaz de absorver a crescente força de trabalho resultante do aumento populacional, provocando uma queda significativa na produção de mandioca e fruticultura. Em resposta a essa realidade, o cultivo de hortaliças, como alface, coentro, cebolinha e salsa, emergiu como uma alternativa econômica viável, garantindo a subsistência de agricultores familiares e camponeses.

Para minimizar os problemas gerados pela urbanização, especialmente em Feira de Santana, onde as mudanças ocorreram de maneira acelerada e afetaram áreas anteriormente consideradas

"vazios urbanos", são necessárias ações de planejamento urbano, como estudos de mapeamento da expansão urbana, definição de zonas prioritárias, áreas de restrição, direções de expansão e avaliação dos impactos ambientais (Santos, 2019). Souza (2020), ao realizar um estudo de vetorização da mancha urbana em Feira de Santana, destacou que a área urbanizada já extrapolou os limites da sede, atingindo os distritos de Humildes, João Durval Carneiro, Maria Quitéria, Matinha e Jaíba. A pesquisa também aponta que a expansão urbana tende a continuar, principalmente nas direções leste, sudeste, sul e oeste do município.

Diante do cenário apresentado, em que a agricultura familiar e camponesa em Feira de Santana é frequentemente negada e excluída do planejamento urbano, torna-se urgente a mobilização dos agricultores e camponeses para que suas demandas sejam incorporadas às políticas públicas. As estratégias de desenvolvimento urbano precisam considerar as especificidades do campo, valorizando as práticas agrícolas, protegendo os territórios rurais e promovendo a inclusão desses grupos nos processos decisórios. Somente através de políticas integradoras será possível equilibrar a expansão urbana com a preservação das dinâmicas sociais, culturais e econômicas que sustentam a agricultura familiar e camponesa no município.

4 ASSOCIATIVISMO COMO ELEMENTO DE FORTALECIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR E CAMPONESA EM FEIRA DE SANTANA

Do ponto de vista legal, as associações constituem-se de pessoas jurídicas de direito privado, devidamente registradas nos cartórios de registro civil de pessoas jurídicas, e constituída livremente pela união de pessoas que se organizam para fins não econômicos (Brasil, 2002). Martins (2018) destaca que essas organizações possuem uma função social, contribuindo tanto para consolidar políticas públicas quanto para fomentar a crítica, o que consideramos relevante seja enquanto engajamento social ou posicional das comunidades, por exemplo.

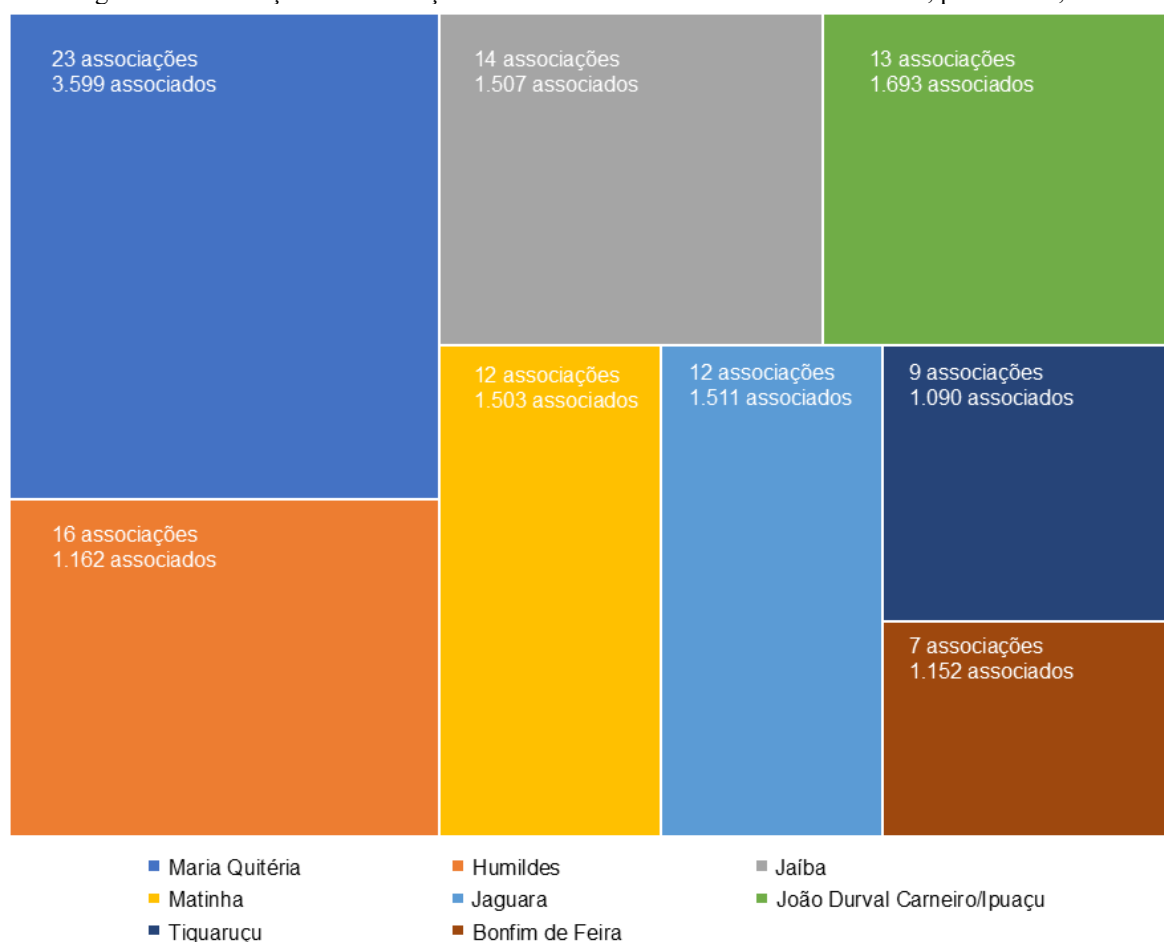
No contexto das lutas no espaço rural, Sampaio (2019) observa que as associações comunitárias desempenham um papel importante na mobilização dos agricultores familiares e camponeses, promovendo a organização coletiva e o fortalecimento das comunidades rurais. Por meio delas, os agricultores e camponeses podem reivindicar seus direitos, e também organizar a produção e comercialização, reduzindo a dependência de atravessadores e incrementando a renda familiar. Além disso, essas associações favorecem a construção de redes de apoio que possibilitam maior autonomia para os agricultores e camponeses.

Neves e Lima (2024) analisam o associativismo vinculado à Economia Popular e Solidária como uma alternativa de combate à lógica capitalista, pois promove a participação social, valoriza a

coletividade e incentiva a luta por condições de vida mais justas, tanto no campo quanto na cidade. Lima (2022) argumenta que, para ser verdadeiramente revolucionária, a Economia Popular e Solidária deve assumir uma postura crítica, fortalecendo a organização popular e as lutas de classe.

Em Feira de Santana, o associativismo rural é significativo, com 106 associações comunitárias ativas em 2022, segundo a Secretaria de Agricultura, Recursos Hídricos e Desenvolvimento Rural de Feira de Santana (SEAGRI/PMFS). Essas associações reúnem 13.217 agricultores familiares e camponeses, que buscam frequentemente o acesso a serviços e suporte técnico oferecidos pela SEAGRI/PMFS, como a distribuição de sementes, análise e correção de solo, fornecimento de mudas e matrizes de ovinos, acesso a cursos de formação pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (SENAR). A distribuição das associações comunitárias rurais por distrito de Feira de Santana é mostrada na Figura 4.

Figura 4. Distribuição de Associações Comunitárias Rurais em Feira de Santana, por distrito, 2022.



Fonte: Elaborado pela autora a partir de dados da SEAGRI/PMFS.

Apesar de sua relevância, as associações comunitárias enfrentam desafios como o envelhecimento de seus membros e o pouco engajamento dos jovens. Esse cenário aponta para a

necessidade de estratégias que revitalizem essas organizações, promovendo maior participação das novas gerações.

Assim, o associativismo rural se reafirma como um elemento importante para o fortalecimento da agricultura familiar e camponesa, contribuindo para a luta contra as desigualdades e a favor da justiça socioespacial. O quantitativo de associações já demonstra mobilização ou reações das populações comunitárias, abruptamente remetida à cidade, tendo reduzida as suas possibilidades de produção material das suas existências.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A urbanização em Feira de Santana tem avançado pelas áreas rurais gerado impactos significativos na agricultura familiar e camponesa, como a redução das áreas cultiváveis, o esvaziamento das comunidades rurais e a precariedade no acesso à terra, agravada pela baixa eficiência das políticas públicas. Assim, por exemplo, distritos como Humildes, Maria Quitéria, Matinha e Jaíba, enfrentam processos de urbanização que transformam as atividades produtivas e os modos de vida tradicionais.

Diante dessa realidade e do significativo número de associações comunitárias rurais no município, o associativismo apresenta-se como uma potencialidade para fortalecer a agricultura familiar e as comunidades rurais, sobretudo pela capacidade de mobilização dos agricultores e camponeses em prol das necessidades e demandas coletivas. Contudo, investigações mais aprofundadas sobre essas associações são necessárias, buscando visibilizar suas ações, conquistas e desafios, além de incentivar a participação juvenil e fortalecer essas importantes demarcações do território rural feirense.

REFERÊNCIAS

ALVES, Aryane; FREITAS, Nacelice Barbosa. O RURBANO: PRODUÇÃO DO ESPAÇO NO DISTRITO DE HUMILDES, MUNICÍPIO DE FEIRA DE SANTANA (BA). OKARA: Geografia em Debate, v. 16, n. 2, 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/okara/article/view/59042/36810>. Acesso em 20 dez, 2024.

ARAÚJO, A.M.R. De. Expansão urbana de Feira de Santana-BA: atuação do Estado e do setor imobiliário (2004- 2018), 2019. 193f. Tese (Doutorado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social)-Programa de Pós-Graduação em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Social, UCSal, Salvador, 2019. Disponível em: <https://ri.ucs.br/items/e33b71c1-6366-4341-9f92-16aaa40c7b4c>. Acesso em 20 dez. 2024.

BRASIL. Lei n. 11.326, de 24 de julho de 2006. Diário Oficial da União, Distrito Federal, Brasília, 1997. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm. Acesso em 20 dez. 2024.

BRASIL. Lei nº 10.406, de 10 de Janeiro de 2002. Diário Oficial da União, Distrito Federal, Brasília, 2002. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111326.htm. Acesso em 20 dez. 2024.

BULHÕES, I. S. O programa garantia-safra como política de desenvolvimento rural sustentável no semiárido: o caso de Feira de Santana (BA). 2022. 220 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Territorial)-Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2022. Disponível em: <http://tede2.uefs.br:8080/handle/tede/1472>. Acesso em: 20 dez. 2024.

CARNEIRO, Maria José; MALUF, Renato Sérgio (Ed.). Para além da produção: multifuncionalidade e agricultura familiar. Mauad Editora Ltda, 2003. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=7HNbdiV073IC&oi=fnd&pg=PA3&dq=+al%C3%A9m+d+aprodu%C3%A7%C3%A3o+multifuncionalidades+e+agricultura+familiar&ots=WC8yqoLvXS&sig=9uKtyycKkyTHfOi_rEm6zRDGfZY&redir_esc=y#v=onepage&q=al%C3%A9m%20d%20aprodu%C3%A7%C3%A3o%20multifuncionalidades%20e%20agricultura%20familiar&f=false. Acesso em 20 dez. 2024.

CARVALHO, A. D. S. Feira de Santana e o comércio do gado. Boletim Paulista de Geografia, v. 28, p. 14-36, 2017. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1277>. Acesso em: 20 dez.

DIAS, A. A. G. O novo Shopping Popular Cidade das Compras: o que aconteceu em Feira de Santana/BA? Boletim Paulista de Geografia, v. 1, n. 105, p. 40-66, 2021. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/boletim-paulista/article/view/1986/1679>. Acesso em: 20 dez. 2024.

EY - Ernst & Young Assessoria Empresarial Ltda. Diagnóstico Plano de Desenvolvimento Econômico Sustentável de Feira de Santana - PDES. Rio de Janeiro, 2018. Disponível em: <https://www.gov.br/sudene/pt-br/centrais-de-conteudo/diagnosticofeiradesantana.PDF>. Acesso em 20 dez. 2024.

FREIRE, Luiz Cleber Moraes. Nem tanto ao mar, nem tanto a terra: agropecuária, escravidão e riqueza em Feira de Santana, 1850-1888. Feira de Santana, BA: UEFS Editora, 2012. 226p.

FREITAS, Nacelice Barbosa. MODERNIZAÇÃO INDUSTRIAL EM FEIRA DE SANTANA: UMA ANÁLISE A DA IMPANTAÇÃO DO CENTRO INDUSTRIAL DO SUBAË-CIS. *Sitientibus*, n. 41, 2009. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/7572/6285>. Acesso em 20 dez. 2024.

FIGUEREDO, A.A. Espaços residências fechados em Feira de Santana (1987-2018): uma análise do direito à cidade. 2019, 173 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Territorial)-Planterr, UEFS, Feira de Santana, 2019.

GROSFOGUEL, Ramón. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Revista Sociedade e Estado*, v. 31, n. 1, 2016. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/sociedade/issue/view/467>. Acesso em 20 dez. 2023.

HAESBAERT, Rogério. Desterritorialização, Multiterritorialidade e Regionalização. In: MINISTÉRIO DA INTEGRAÇÃO NACIONAL, Para pensar uma política nacional de ordenamento territorial, Brasília, 2005. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=KG0qAAAAYAAJ&oi=fnd&pg=PA5&dq=Desterritorializa%C3%A7%C3%A3o+Hae+sbaert&ots=7_Qw-ALBc5&sig=e44_QHJQ638R6M6rGHxt3kanGaA#v=onepage&q=Desterritorializa%C3%A7%C3%A3o%20Haesbaert&f=false. Acesso em: 04 abr. 2025.

IBGE–INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Regiões de influência das cidades: 2018/IBGE, Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2020. 192 p. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101728>. Acesso em: 20 dez. 2024.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Tabela 200 - População residente, por sexo, situação e grupos de idade - Amostra - Características Gerais da População. 2024. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/200#resultado>. Acesso em 20 dez. 2024.

LIMA, José Raimundo de Oliveira. Economia popular e solidária e desenvolvimento local: relação protagonizada pela comunidade organizada. In: ESTIVIL, J.; Balsa, C. Economia local, comunitária e solidária: o desenvolvimento visto de baixo. Húmus Ltda, 2022. Disponível em: <https://www.uefs.br/arquivos/File/economiadigitallivro.pdf>. Acesso em: 24 dez. 2024.

MARTINS, Matteus Guimarães; SOUZA, Jerônimo Rodrigues. Agricultura camponesa e agroindustrialização. In: O mundo rural na Bahia: democracia, território e ruralidades / Danilo Uzêda da Cruz, organizador. – Feira de Santana: Z Arte Editora, 2016.

MARX, Karl. O capital - Livro I - crítica da economia política: o processo de produção do capital. Tradução: Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013. Disponível em: <https://www.boitempoeditorial.com.br/produto/o-capital-livro-1-nova-edicao-1337>. Acesso em: 20 dez. 2024.

MACHADO, G. B. Multifuncionalidade da Agricultura Familiar: a diversificação das atividades no sertão semiárido da Bahia, Brasil. Editora CRV, Curitiba, 2020.

MAPBIOMAS. Uso e Cobertura da Terra - Feira de Santana (BA). Disponível em: [MARTINS, Martinez Santos. Associativismo e Participação Política: Uma Análise das Associações Comunitárias Rurais de Feira de Santana, Bahia. *Sitientibus*, Feira de Santana, n. 58: 6-13, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://periodicos.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/5145/4271>. Acesso em: 20 dez. 2024.](https://plataforma.brasil.mapbiomas.org/cobertura?activeBaseMap=9&layersOpacity=100&activeModule=coverage&activeModuleContent=coverage%3Acobertura_main&activeYear=2023&mapPosition=-12.218898%2C-39.143623%2C11&timelineLimitsRange=1985%2C2023&baseParams[territoryType]=4&baseParams[territory]=31958&baseParams[territories]=31958%3BFeira%20de%20Santana%20%28BA%29%20%282910800%29%3B4%3BMunic%C3%ADpio%3B-12.418462231%3B-39.296680195%3B-11.9813772269999%3B-38.8112192099999&baseParams[activeClassTreeOptionValue]=default&baseParams[activeClassTreeNodeIds]=1%2C7%2C8%2C9%2C10%2C11%2C2%2C12%2C13%2C14%2C15%2C16%2C3%2C18%2C19%2C28%2C30%2C31%2C32%2C33%2C34%2C29%2C35%2C36%2C37%2C38%2C20%2C21%2C4%2C22%2C23%2C24%2C25%2C5%2C26%2C27%2C6&baseParams[activeSubmodule]=cobertura_main&baseParams[yearRange]=1985-2023. Acesso em 20 dez. 2024.</p>
</div>
<div data-bbox=)

NEVES, Elias Filipe Santos de Oliveira; LIMA, José Raimundo Oliveira. URBANIZAÇÃO DIFUSA E CIDADE CONTEMPORÂNEA: Contribuições do associativismo para uma boa convivência socioespacial nas cidades médias. *Caderno Prudentino de Geografia*, v. 3, n. 46, p. 56-78, 2024. Disponível em: <https://revista.fct.unesp.br/index.php/cpg/article/view/10166>. Acesso em 21 dez. 2024.

OLIVEIRA, Elias Filipe Santos Neves; SANTOS, Janio. urbanização difusa em Feira de Santana: produção dispersa de condomínios e fragmentação socioespacial. *Terra Livre*, v. 1, n. 58, p. 160-196, 2022. Disponível em: <https://publicacoes.agb.org.br/terralivre/article/view/2298>. Acesso em 20 dez. 2024.

OLIVEIRA, Ana Maria Carvalho dos Santos. Feira de Santana em tempos de modernidades: Olhares, práticas do cotidiano (1950-1960). (Tese de doutorado em História) Universidade Federal de Pernambuco, Recife PE, 2008. Disponível em: https://repositorio.ufpe.br/bitstream/123456789/7050/1/arquivo3296_1.pdf. Acesso em 20 dez. 2024.

PMFS - Prefeitura Municipal de Feira de Santana. Execução de Serviços de Auxílio e Apoio na Viabilização e Instituição do Plano Municipal de Saneamento Básico do Município de Feira de Santana. Salvador, 2018. Disponível em: https://www.feiradesantana.ba.gov.br/secom/SANEAMENTO/PMSB_FS_Produto11_Tomo_II_Diag_Socioeconomico_jun2018.pdf. Acesso em 20 dez. 2024.

SOUZA, M. J. A. Uma Análise da Feira Livre da Cidade Nova (Feira De Santana, Ba): Subsídios para Estudo de Preservação e Educação Patrimonial. 2017. Monografia-Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2017. Disponível em: https://ri.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/1631/1/Analise_Feira_Livre_TCC_2017.pdf. Acesso em: 20 dez. 2024.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS- SEI. Microrregiões geográficas do Estado da Bahia 2020. Governo do Estado da Bahia. Salvador, 2020. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/MICRORREGIOES_GEOGRAFICAS_BAHIA_MAPA_2V25M_2020_SEI.pdf. Acesso em 20 dez. 2024.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS- SEI. Mesorregiões Geográficas do Estado da Bahia 2020. Governo do Estado da Bahia. Salvador, 2020. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/site/geoambientais/mapas/pdf/MESORREGIOES_GEOGRAFICAS_BAHIA_MAPA_2V25M_2020_SEI.pdf. Acesso em 20 dez. 2024.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS- SEI. Território de Identidade Portal do Sertão. Governo do Estado da Bahia. Salvador, 2023. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/images/informacoes_por/territorio/indicadores/pdf/portaldosertao.pdf. Acesso em 20 dez. 2024.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS- SEI. Participação dos setores da economia do município de Feira de Santana 2001 a 2021. Governo do Estado da Bahia. Salvador, 2023. Disponível em: <https://infovis.sei.ba.gov.br/pib/>. Acesso em 20 dez. 2024.

SUPERINTENDÊNCIA DE ESTUDOS ECONÔMICOS- SEI. Indicadores dos Municípios Feira de Santana. Governo do Estado da Bahia. Salvador, 2019. Disponível em: https://sei.ba.gov.br/images/informacoes_por/municipio/indicadores/indicadores_2910800.pdf. Acesso em 20 dez. 2024.

SANTOS, José Antônio Lobo dos et al. Implicações do Pronaf na produção do espaço rural do município de Feira de Santana–BA (1999/2006). 2016. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/bitstream/ri/20645/1/disserta%C3%A7%C3%A3o.Lobo.pdf>. Acesso em 20 dez. 2024.

SAMPAIO, Emília dos Santos. Fortalecimento da agricultura familiar a partir do associativismo: um estudo de caso da Associação da Baixinha e do Ponto Certo em Cruz das Almas-BA. 2019. Disponível em: https://ri.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/2141/1/Fortalecimento_Agricultura_Familiar_TCC_2019.pdf. Acesso em: 23 dez. 2024.

SANTO, Sandra Medeiros. O desenvolvimento urbano em Feira de Santana (BA). Sitientibus, n. 28, 2003. Disponível em: <https://ojs3.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/8729/7265>. Acesso em 20 dez. 2024.

SANTOS, Fábio Deraldo; SILVA, Carine Fonseca Menezes. A cidade de Feira de Santana-BA: uma nova (re) configuração espacial proporcionada a partir da expansão comercial. Colóquio Baiano Tempos, Espaços e Representações: abordagens geográficas e históricas-ISSN 2359-1218, v. 1, n. 1, 2014. Disponível em: http://anais.uesb.br/index.php/coloquiobaiano/article/viewFile/2845/pdf_82. Acesso em 20 dez. 2024.

SILVA, A. P. C.; MIRANDA, A. M.; SOUZA, K. P.; SOUZA, L. D. A. D. S. In: Congresso Internacional e Congresso Nacional Movimentos Sociais & Educação. 2022. Anais [...], Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, v. 1, n. 1, 2022. Disponível em: <http://anais.uesb.br/index.php/cicnmse/article/viewFile/10313/10142>. Acesso em 20 dez. 2024.

SANTOS, Edson da Silva. REGIÃO METROPOLITANA DE FEIRA DE SANTANA: DA PROPOSTA ÀS CARACTERÍSTICAS ATUAIS. *Sitientibus*, n. 56, 2017. Disponível em: <https://ojs3.uefs.br/index.php/sitientibus/article/view/4633/3899>. Acesso em 21 dez. 2024.

SANTOS, Bethsaide S. Limites dos distritos x expansão da mancha urbana de Feira de Santana em 2018. VI SINARUB / V SNPD / V EMPURD - 13 a 16 de maio de 2020 - Salvador/BA. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/347010858_LIMITES_DOS_DISTRITOS_X_EXPANSAO_DA_MANCHA_URBANA_DE_FEIRA_DE_SANTANA_EM_2018. Acesso em 20 dez. 2024.

SEAGRI/PMFS-SECRETARIA DE AGRICULTURA, RECURSOS HÍDRICOS E DESENVOLVIMENTO RURAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FEIRA DE SANTANA. Relatório de produção das culturas do milho (*Zea mays* L.), feijão (*Phaseolus vulgaris* L.) e mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) na agricultura familiar do município de Feira de Santana (BA), no ano agrícola de 2020/2021. Feira de Santana, 2021. 44 p.

SOUZA, C. H. S. Panorama das cidades médias do interior do Nordeste: uma proposta de análise histórica e socioeconômica. 2021. 225 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/45009>. Acesso em 10 dez. 2024.

SANTILLI, J. Agrobiodiversidade e direitos dos agricultores. São Paulo: Peirópolis, 2009. 519 p. E-book. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=93KCCwAAQBAJ&pg=PT112&hl=pt-BR&source=gbs_selected_pages&cad=3#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 24 dez. 2024.

SANTO, S. M. A Expansão Urbana, o Estado e as Águas em Feira De Santana–Bahia (1940–2010). 2012. 275 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo)-Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/handle/ri/25832>. Acesso em: 24 dez. 2024.

SEAGRI/PMFS-SECRETARIA DE AGRICULTURA, RECURSOS HÍDRICOS E DESENVOLVIMENTO RURAL DA PREFEITURA MUNICIPAL DE FEIRA DE SANTANA. Relatório de produção das culturas do milho (*Zea mays* L.), feijão (*Phaseolus vulgaris* L.) e mandioca (*Manihot esculenta* Crantz) na agricultura familiar do município de Feira de Santana (BA), no ano agrícola de 2020/2021. Feira de Santana, 2021. 44 p.

SOUZA, M. J. A. Uma Análise da Feira Livre da Cidade Nova (Feira De Santana, Ba): Subsídios para Estudo de Preservação e Educação Patrimonial. 2017. Monografia-Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2017. Disponível em: https://repositorio.ufrb.edu.br/bitstream/123456789/1631/1/Analise_Feira_Livre_TCC_2017.pdf. Acesso em: 20 dez. 2023.